

# GÊNERO E MAGIA: O EMPODERAMENTO FEMININO NA BRUXARIA CONTEMPORÂNEA

Debate ou discussão em teoria social

GT11- Gênero, desigualdades e cidadania

Emmanuel Ramalho de Sá Rocha

## Resumo

O artigo aborda a relação entre gênero e magia, com o objetivo de analisar a conexão entre práticas mágicas e o feminino para investigar como a magia pode servir como instrumento de empoderamento das mulheres. Para tanto, aborda, através de uma perspectiva teórica feminista, a relação de dominação da mulher pelo homem e da magia pela religião nos processos históricos; o conceito de empoderamento e os modelos de poder-sobre, poder-de-dentro, poder-para e poder-com; e uma análise do empoderamento feminino na bruxaria contemporânea de origem europeia. Concluiu-se que a magia tem servido a muitas mulheres como uma instrumento de empoderamento e que a figura da bruxa tem sido usada como modelo de contestação e de poder feminino.

**Palavras chave:** Magia, Gênero, Bruxaria.

## 1. Introdução

Segundo autoras feministas (Gebara, 1997; Griffin, 1978; King, 1997; Plumwood, 1993; Ruether, 1992; Warren, 2000), o pensamento ocidental foi culturalmente construído por um sistema dualista de “[...] pares de conceitos, objetos ou sistemas de crenças opostos [...] em alguma forma de argumento hierárquico.” (Fausto-Sterling, 2001, p.60), que se manifestam nas relações religiosas, políticas, domésticas e em todas as outras áreas da vida social.

Esse sistema dualista é estruturado em uma lógica de dominação entre elementos construídos historicamente como masculinos, sobre elementos desvalorizados associados ao feminino. Segundo Val Plumwood (1993, p.43), alguns desses elementos e características duais são – sendo os primeiros masculinos e os segundos femininos: cultura/natureza; espírito/natureza; razão/emoção; razão/matéria; mente/corpo; universal/particular; público/privado; humano/não-humano; civilizado/primitivo; sujeito/objeto; mestre/escravo; liberdade/necessidade; eu/outro.

A relação de dominação e submissão que define esse dualismo está na raiz da inferiorização de determinados grupos sociais na civilização ocidental e é o que faz a subordinação de gênero<sup>1</sup> estar intimamente ligada a outros tipos de inferiorizações, como de etnia e classe (Gebara, 1997; King, 1997).

Porém, uma dualidade pouco percebida e, conseqüentemente, pouco analisada, é entre religião e magia – ou religião ético-racional e religião mágica. Compreende-se que “[...] uma religião nunca está isenta de magia e [...] a magia sempre está integrada a uma religião. Empiricamente enquanto fenômenos concretos, a magia e religião se confundem. Mas enquanto tipos ideais, se opõem” (Mariz, 2003, p.80).

---

<sup>1</sup> Segundo Joan Scott (1990, 21) gênero é “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” Ainda segundo Scott (1990), entre os elementos do gênero relacionados entre si na configuração de relações sociais estão os símbolos culturais; os conceitos normativos desses símbolos através da limitação de interpretações de seus sentidos; uma noção do político, por meio das instituições sociais; e as identidades subjetivas.

Para Max Weber (2004, p.279), a magia envolve “[...] forças extracotidianas com finalidades práticas para solucionar problemas do dia-a-dia”; uma definição similar apresenta Malinowski (1984, p.25), a magia é “[...] um conjunto de artes puramente práticas, executadas como meio para atingir um fim”. Esse racionalismo prático da magia se opõe à sistematização racional da religião que leva à institucionalização e à formação de um discurso ético (Weber, 2004).

Estando magia e religião inseridos no sistema dualista ocidental, também estão associados a binômios de gênero, sendo religião associado ao masculino e a magia ao feminino (Erickson, 1996). Deve-se estar claro que o vínculo entre eles não é essencialista, é construído, pois a base desse vínculo, o pensamento dualista, é uma construção cultural ocidental.

Assim, o que define a relação entre mulher e magia é a subordinação social a que ambos estão submetidos com base no mesmo sistema de pensamento. Dessa forma, as religiões, particularmente as ascéticas, têm criado e legitimado identidades masculinas e femininas baseadas em um sistema hierárquico que inferioriza tudo o que é tido como feminino, seja a própria mulher ou a magia.

É a habilidade da religião de sacralizar os homens que os torna masculinos. Através da definição que especifica que as pessoas do sexo feminino não são homens, são criadas a mulher e sua identidade feminina. Todos os indivíduos tidos como uma ameaça à masculinidade recebem uma identidade feminina. (Erickson, 1996, p.211).

Portanto, a magia está intrinsecamente ligada à mulher e às características construídas ao longo da história ocidental como femininas. E como tais características são aplicadas a todas as categorias consideradas subalternas pelo sistema dualista androcêntrico, a magia está relacionada a esses subalternos.

Assim, considerando que “Magia é vontade de poder” (Pierucci, 2001, p.103) o objetivo deste trabalho é analisar a conexão entre práticas mágicas e o feminino para investigar se a magia pode servir como instrumento de empoderamento das mulheres, porém não como um poder de dominação que busque apenas reverter quem é inferior ou superior, mas um empoderamento que gere ganhos para si sem gerar perdas para outros, através dos modelos de poder-de-dentro, poder-para e poder-com. E para isso será analisado a bruxaria contemporânea de origem europeia, um sistema mágico que tem permitido o empoderamento feminino enquanto categoria inferiorizada.

## **2. Masculino-feminino, religião-magia**

As características duais relativas ao feminino e ao masculino são visíveis nos atributos divinos construídos culturalmente ao longo da história. Divindades femininas geralmente são definidas como terrestres, de caráter mais local e popular; enquanto divindades masculinas são, em sua maioria, deuses do céu, senhores de tudo o que tem regras fixas e regularidade rígida, tendo, assim, um caráter mais universal e racional (Eliade, 1992; Weber, 2004).

Segundo Max Weber (2004, p.292), os sacerdotes – representantes e guardiões das estruturas sistemático-rationais em torno dos cultos a esses deuses celestes – ao especular sobre tais divindades, geralmente os concebem como demasiadamente poderosos, o que os torna não mais influenciáveis por meios mágicos, assim, “O progresso das concepções de um deus poderoso [...] condiciona então o predomínio crescente dos motivos não-mágicos.” (Weber, 2005, p.293).

Um exemplo de um deus poderoso, celeste e masculino é Jeová. Para Weber (2001, p.46) “[...] a eliminação da magia no mundo, que começara com os antigos profetas hebreus” atinge sua conclusão com os protestantes, o que Weber define como desencantamento do mundo, a “ancestral luta da religião contra a magia, sendo uma de suas manifestações mais recorrentes e eficazes a perseguição aos

feiticeiros e bruxas levada a cabo por profetas e hierocratas [...] a repressão político-religiosa da magia” (Pierucci, 1998, p.8).

Essa repressão, como já mencionado anteriormente, é o elemento conector da mulher com a magia. Por estarem do mesmo lado na estrutura dicotômica, a magia está associada a características consideradas femininas. Isso pode ser observado nas análises de Weber (2004) em que as religiões mágicas são descritas como primitivas, irracionais no sentido de emotivas e sensoriais, etc.

Weber reproduz essa dualidade, pois para Victoria Lee Erickson (1996, p.203) “A luta entre o masculino e o feminino veio à tona em Durkheim e Weber como uma luta entre a magia e a religião”. Ela vê na sociologia da religião weberiana um preconceito de gênero implícito<sup>2</sup> ao constatar que Weber sugeria um caminho para grandeza nacional através do racionalismo e ascetismo religioso, e segundo Erickson (1996, p.117):

O ascetismo e a racionalização religiosa exigem a repressão e a eliminação da natureza e de tudo o que seja feminino. Em sua pesquisa histórica das religiões, Weber reconheceu que, no processo de substituir a motivação mágica por uma ética abstrata e universalista, foi necessário desenvolver uma antipatia pela sexualidade. Por inferência, isto significa uma antipatia pelas mulheres e pelo feminino.

Ainda segundo Erickson (1996), a religião mágica das massas atrai as mulheres e o papel destas é diversificado e mais igualitário se comparado à religião burocrática, racional e ascética das elites em que a mulher é mais inferiorizada, como também são inferiorizadas a sexualidade e a arte, vistas como forças irracionais e sem controle, portanto femininas. No entanto, na religião mágica elas são fortalecidas. Um exemplo disso, na questão da sexualidade, é dado por Keith Thomas (1991, p.459) sobre a repressão à bruxaria na Inglaterra no fim da Idade Média e início da Idade Moderna:

[...] a mitologia da bruxaria atingiu o seu apogeu em uma época em que a havia a suposição geral em que as mulheres eram sexualmente mais vorazes que os homens [...] No século XVIII, essa opinião foi sendo gradualmente superada entre as classes médias pela noção [...] de que as mulheres eram sexualmente passivas e totalmente carentes de lascívia. A mudança coincidiu elegantemente com o desaparecimento da crença de que as bruxas satisfaziam seus apetites sexuais com o Diabo. Essas duas tendências refletiam uma tentativa de conter e reprimir a discussão aberta da sexualidade.

Por fim, Erickson (1996, p.187) afirma que “Weber considerava as mulheres, as crianças, os idosos, os homens desmasculinizados ou desmilitarizados e os oprimidos como atentos à magia. Por conseguinte, a defesa da magia pode significar a defesa dos oprimidos”. Tal perspectiva reafirma a noção de que a relação subalterna é o que vincula determinados grupos sociais destituídos das “positivas” características masculinas. Também indica que a magia pode ser usada como um meio de empoderamento dessas categorias consideradas subalternas.

### **3. Empoderamento e formas de poder**

Antes de adentrar na explicação de como a magia pode funcionar como meio de empoderamento feminino, é necessário compreender o conceito de empoderamento aqui usado e a que tipo de poder

---

<sup>2</sup> Segundo Erickson (1996, 13), “O preconceito sexual inexplorado é perigoso, pois permite o uso de definições e suposições que mantêm as teorias ancoradas no pensamento patriarcal”. Assim, apesar desta pesquisa fazer uso da sociologia da religião weberiana em alguns trechos, buscou-se estar atento ao preconceito implícito e evitar as definições e suposições ancoradas nesse pensamento.

este se remete. O conceito de empoderamento tem sido trabalhado na perspectiva feminista por autoras como Srilatha Batliwala (1994), Shirin M. Rai (2002) e Sarah Mosedale (2005).

Para Batliwala (1994, p.134, tradução nossa), empoderamento é “[...] o processo de desafiar relações de poder existentes, e de ganhar mais controle sobre as fontes de poder”. Mosedale (2005, p.252) define empoderamento feminino como “[...] o processo pelo qual mulheres redefinem e ampliam o que é possível para elas serem e fazerem em situações nas quais têm sido reprimidas, comparadas aos homens”.

Parafraseando Mosedale (2005, p.244), o empoderamento possui quatro aspectos:

- 1) para ser empoderada, uma pessoa deve estar desempoderada previamente. Como as mulheres são desempoderadas em relação aos homens;
- 2) o empoderamento não pode ser concedido por uma terceira parte, deve ser obtido por aqueles que serão empoderados;
- 3) empoderamento inclui a noção de pessoas tomando decisões em suas vidas e sendo capazes de executá-las. Esse processo pode ser individual ou coletivo, contudo, o foco geralmente é individual;
- 4) empoderamento é um processo contínuo.

Segundo Rai (2002), a noção de empoderamento largamente usada nas ciências sociais, por exemplo, é de exercer poder sobre instituições, recursos e pessoas. Esse modelo de poder, o poder-sobre, se baseia em relações de dominação e submissão. Nesse tipo de empoderamento, quando um ganha, o outro sempre perde, mesmo que aquele que ganha não tenha consciência disso (Mosedale, 2005). Porém, desde a década de 80, feministas têm contribuído na crítica e na expansão da noção de poder para além do poder-sobre, formas de poder em que o ganho de um não é necessariamente a perda do outro. Esses são o poder-de-dentro, poder-para e poder-com.

Poder-de-dentro refere-se, por exemplo, a autoestima, confiança, consciência individual, autoentendimento; todo poder começa aqui. Poder-para é aquele que aumenta as fronteiras do que é possível para uma pessoa em relação à capacidade para fazer algo, sem necessariamente diminuir para outra; aprender a ler é um exemplo. Poder-com refere-se à ação coletiva, pessoas agindo juntas têm mais poder do que agindo sozinhas (Rai, 2002; Mosedale, 2005). Tendo definido empoderamento e as formas de poder, agora é possível compreender como a magia se encaixa nesse modelo de empoderamento para mulheres.

#### **4. Magia como instrumento de empoderamento**

O poder e as relações de poder se manifestam de maneiras distintas na magia e na religião. Conforme Pierucci (2001, p.103), “Magia é vontade de poder; religião, vontade de obedecer”. Isso se torna evidente na relação de magos e religiosos com deuses, espíritos e demônios; enquanto que na religião a graça divina é “[...] obtida mediante súplicas, presentes, serviços, tributos, adulações, subornos” (Weber, 2004, p.292), na magia, o mago os coage utilizando-se de poderes supracognitivos para obter aquilo que deseja. Assim, segundo Malinowski (1984, p.31), a magia “Constitui sempre a afirmação do poder do homem para provocar determinados efeitos concretos”.

Portanto, a magia, fenomenologicamente, se caracteriza como um instrumento de poder. No entanto, a magia também se expressa como uma forma de poder social, por exemplo, através da crença do mago em seu poder, o que o investe de confiança e autoestima; ou, também, através da crença no poder do mago por parte do grupo social no qual está inserido, o possibilitando maior influência e *status*; ou, simplesmente, pela própria característica da magia de buscar poder e não obediência, o que leva o magista a expressar tal atitude em toda percepção e ação perante a vida.

Assim, tomando como referência as definições de empoderamento anteriormente mencionadas, a magia, uma fonte de poder e não de obediência, possibilita desafiar as relações de poder existentes, redefinindo as situações nas quais as mulheres têm sido reprimidas, e como será mais detalhado a

seguir, através do poder pessoal e da percepção das capacidades obtidas, amplia o que alguém pode ser e fazer e, assim, ganhando mais controle sobre sua vida.

E seguindo os aspectos do empoderamento de Mosedale: 1) a mulher como categoria desempoderada, 2) tem a possibilidade de empoderar-se por si mesma através da magia, 3) a qual “[...] estabelece a legítima autoridade que favorece a ação e a tomada de decisões.” (Erickson, 1996, p.191). Sendo, geralmente, um processo mais individual, pois, apesar da existência de comunidades e sociedades iniciáticas mágicas, o mago “[...] é sobretudo um isolado.” (Durkheim, 1996, p.29); 4) por fim, magia é prática e cotidiana, é um processo contínuo de aprendizagem e ação (Pierucci, 2001)

A magia se enquadra como um poder-de-dentro ao possibilitar autoestima, confiança, criatividade, autonomia e qualquer característica fruto da crença e na busca do próprio poder, é um “[...] poder interior, não poder sobre os demais.” (Starhawk, 2005, p.80, tradução nossa). Para Malinowski (1984, p.32-33),

A função da magia é ritualizar o otimismo do homem, enaltecer a sua fé no triunfo da esperança sobre o medo. A magia exprime para o homem o maior valor da confiança em relação à dúvida, da firmeza em relação à indecisão, do otimismo em relação ao pessimismo.

Por ser um saber eminentemente técnico, que ensina o indivíduo a lidar com desafios do cotidiano (Pierucci, 2001), a magia também é poder-para. Por exemplo, ela capacita o praticante a fazer “[...] vários serviços [...] desde a cura de doentes e a localização de objetos até a leitura da sorte e todos os tipos de adivinhação.” (Thomas, 1991, p.156). Sociologicamente, tais capacidades servem para empoderar o magista dentro de seu grupo social, o tornam útil ou, até mesmo, um líder no caso de comunidades mágicas.

Por último, sobre o poder-com, Starhawk (2005, p.7, tradução nossa) vê a magia como fomentadora de “[...] aquisição de poder pessoal e coletivo, por ser um modelo de poder compartilhado”. Erickson (1996), em sua análise da sociologia da religião weberiana, vê que a magia se desenvolve mais em grupos comunitários, onde há maior atividade da ação coletiva, enquanto que a religião se desenvolve melhor na sociedade-*polis*, porém na medida em que a sociedade-*polis* fortalece seus mecanismos de controle social, reprime a magia, por ser fonte de poder individual e compartilhado. Keith Thomas (1991, p.542), ao analisar o declínio da magia no mundo contemporâneo, afirma que uma das razões para tanto foi o crescimento urbano e suas relações impessoais. Assim:

A repressão da magia procurava negar às massas o acesso a um conhecimento alternativo e uma compreensão de Deus, como um caminho que conduzisse a ele. O colapso da magia era defendido e mantido pela violência política e institucional. A religião guerreira tinha que combater um poder comunitário de ação compartilhada para impedir uma visão comunitária radicalmente diferente, robustecida pela sexualidade e pela arte. (Erickson, 1996, p.142)

Portanto, a magia é um instrumento de empoderamento que possibilita ao indivíduo ou grupo subordinado a obtenção de poder de dentro de si, poder que lhe capacita para fazer algo e poder que leva à ação conjunta.

A análise de como isso ocorre em um grupo real específico, as bruxas contemporâneas, facilitará o entendimento. Há outros grupos sociais os quais apresentam relação íntima entre mulher, magia e poder, porém escolhem-se as bruxas de origem nas tradições europeias, pré-cristãs e que contemporaneamente se inserem, em sua maioria, em grupos pagãos, neopagãos, espiritualidade da deusa, entre outros (Clifton; Harvey, 2004), devido à peculiar relação que tal tradição passa a ter com o feminismo a partir das décadas de 50 e 60.

## 5. Bruxaria contemporânea

Segundo Keith Thomas (1991, p.355), a definição de bruxa para a religião cristã na Idade Média e início da Idade Moderna era: “Uma bruxa é uma pessoa de qualquer sexo (mais com maior frequência uma mulher) que podia ferir outras pessoas por meios misteriosos”. À parte da crença teológica daquele período, em que a bruxa é a que fere, o maior número de mulheres é correto. Estima-se que entre os executados por bruxaria pela Inquisição Católica, 85% eram mulheres<sup>3</sup> (Tomita, 2002). Entre as mulheres consideradas bruxas estavam, sobretudo, as mais marginalizadas, como velhas e viúvas, que passam a se valer e se empoderar através da magia quando a tradição de auxílio de paróquias e vizinhos gradualmente deixa de existir. Por sua vez, outros grupos marginalizados da sociedade, como os mais pobres, buscavam com frequência os serviços das bruxas (Thomas, 1991, p. 431).

Conforme o conceito de empoderamento, as bruxas desafiavam as relações de poder existentes, ela era um exemplo “[...] não conformista contra qual a comunidade sempre tomou medidas punitivas” (Thomas, 1991, p.428). Mesmo no mundo hostil de extrema rejeição à magia, e conseqüentemente à bruxaria, como eram os séculos XVI e XVII na Inglaterra analisados por Thomas, era justamente o poder percebido da magia que garantia a essas mulheres poder social, sendo temidas e respeitadas (Thomas, 1991, p.456).

Porém, o crescente ceticismo contra a bruxaria contribuiu com o seu declínio, resistindo por mais tempo apenas nas aldeias de zona rural europeias até o século XIX (Thomas, 1991). No entanto, ocorre, a partir do final da década de 1950, o reflorescimento da bruxaria (Erickson, 1996), isso se dá, em parte, quando feministas, primeiramente, intensificam as críticas ao androcentrismo judaico e cristão e, em seguida, passam a analisar e aderir a movimentos espiritualistas fora dessas tradições que estavam sendo criados e recriados naquela época (Gross, 1996).

Entre estes movimentos estão os pagãos, neopagãos, espiritualidade da deusa, e muitos outros termos para sistemas religiosos “inspirados pelas tradições indígenas, pré-cristãs, da Europa” (Clifton; Harvey, 2004, p.1, tradução nossa). Segundo Rosalira Olivera (2005, p.12), para os praticantes do movimento de espiritualidade da Deusa:

[...] as bruxas feministas criticam a sociedade atual por conta das suas estruturas sociais hierárquicas e autoritárias, baseadas no exercício do “poder sobre” que desautorizam e deslegitimam valores como sensibilidade, criatividade e colaboração. De fato, o chamado “poder sobre” é um dos pilares da visão de mundo patriarcal, caracterizada pela ordenação do mundo em opostos hierárquicos, a um dos quais é sempre outorgada a prerrogativa – e mesmo a obrigação – de dominar o outro.

A figura da bruxa foi explorada pelas feministas da década de 60, porque é uma das poucas imagens de poder feminino trazida pela civilização Ocidental para a modernidade (Hutton, 1999, p.61). Starhawk, uma feminista que se tornou bruxa e é uma referência da bruxaria contemporânea desde a década de 70, considera que resgatar a palavra “bruxa” é resgatar um direito das mulheres a serem poderosas (2005, p.7); na bruxaria os homens não devem ser renegados a uma segunda classe nem a um *status* superior às mulheres e devem estar dispostos a interagir com mulheres fortes e poderosas (2005, p.109).

Segundo Andrea Osório (2004, p.157), ao pesquisar praticantes de *wicca*, ela constatou que “A categoria ‘bruxa’, bem como a prática de um determinado tipo de religiosidade definida pelas praticantes como *bruxaria moderna*, assenta-se em uma cosmovisão que dá à mulher um valor e um papel preponderantes no universo”. Ainda segundo Osório (2004), para os *wicca*, os atributos considerados femininos pela sociedade de dominação masculina – como a natureza, o sobrenatural, a

<sup>3</sup> Embora muitas dessas mulheres apenas tenham “confessado” serem bruxas devido ao uso de tortura (TOMITA, 2001, 38).

loucura e a magia – são mantidos entre as bruxas como características femininas, porém há a inversão de valores, entre elas tais atributos são positivos. Assim, “Neste ambiente, a mulher tem a oportunidade de compor uma identidade de gênero pautada em atribuições tradicionais, ao mesmo tempo que modifica o valor dado a elas, segundo discursos feministas subjacentes à prática wiccana.” (Osório, 2004, p.158).

Para Starhawk (2005, p.53-54), as assembleias de bruxas, ou covens, tentam fomentar o poder-de-dentro de seus membros, o poder criativo e a habilidade; esse poder interior da bruxa fomenta um orgulho saudável e a alegria pela própria força; assim, a mulher, como bruxa, é ensinada a lidar com seu próprio poder e sentir-se bem com isso. Conforme Osório (2004, p.166), na análise de seu material de campo, ficou claro que ser bruxa propiciou mais autonomia às mulheres pesquisadas, até mesmo no mercado de trabalho.

O poder-para da bruxa se manifesta através de sua sabedoria e conhecimento mágico, é o que lhe capacita para fazer algo:

Sabedoria e conhecimento podem se entender melhor quando estão juntos. O conhecimento é a aprendizagem, a capacidade da mente para compreender e descrever o universo. Sabedoria é saber como aplicar o conhecimento e como não aplicá-lo. Conhecimento é saber o que dizer, a sabedoria é saber se devemos dizer ou não. O conhecimento pode ser ensinado, a sabedoria vem com a experiência, de cometer erros. (Starhawk, 2005, p.80, tradução nossa)

Assim, o conhecimento mágico da bruxa serve para resolver os problemas do dia-a-dia ou realizar desejos próprios (Pietro, 2009). O poder-para da bruxa também se expressa na utilização do conhecimento mágico como profissão. Entre as bruxas pesquisadas por Osório (2004, p.160) muitas “Desempenhavam o papel de videntes (taróloga, runóloga, astróloga, cartomante) ou ocultistas (numeróloga, radiestesista), sendo palestrantes em feiras e eventos esotéricos, dançarinas e comerciantes”.

Os covens, além de treinar cada membro a desenvolver seu poder pessoal através da magia, é um espaço de empoderamento através do poder-com; “O apoio e a seguridade do grupo reforça a crença de cada membro em si mesmo” assim, a ação conjunta prepara “[...] cada bruxa para que seja uma líder” (Starhawk, 2005, p.54, tradução nossa), portanto estabelecendo lideranças, não hierarquias.

No entanto, algo que os defensores do empoderamento através da magia pouco mencionam é que esta também pode servir como poder-sobre; porém, sobre isso, Starhawk (2005, p.120, tradução nossa) afirma que “A magia não deve ser usada para obter poder sobre os outros, deveria ser vista como parte da disciplina para desenvolver o ‘poder que vem do interior’. Magia que tem como intenção controlar outra pessoa deveria ser evitada”. A maior ênfase nos deveres éticos do praticante de magia é uma das diferenças da bruxaria contemporânea em relação à sua contraparte tradicional. A wicca, por exemplo, entre seus princípios e crenças, postula o Dogma da Arte, que assim diz:

‘Faça o que quiser, desde que não faça mal a nada, nem ninguém’. Esta é seguramente a principal diretriz Wiccaniana e é levada em consideração todas as vezes que realizamos um ato mágico e no nosso comportamento diário. Assim como em muitas religiões a Wicca também pratica Magia. Nós Bruxos acreditamos que a mente e o corpo humano possuem o poder de efetuar mudanças nos acontecimentos de maneiras ainda não compreendidas pela ciência. Em nossos rituais, onde honramos nossos Deuses, realizamos diversos feitiços para inúmeros propósitos como cura e superação de problemas. No entanto, a Magia sempre é praticada de acordo com um código de ética que afirma que só podemos ajudar outros, ou a nós mesmos, respeitando o livre arbítrio das pessoas envolvidas e quando isso não prejudicar ninguém. Não

fazer mal a nada nem NINGUÉM significa não prejudicar a natureza, as pessoas ao nosso redor e nós mesmos. (Pietro, 2009, p.20)

## 6. Considerações finais

É importante ressaltar que a magia, inserida nos modelos de poder-de-dentro, poder-para e poder-com, não necessariamente anula a dominação de um grupo sobre outro – um exemplo disso é que as tradições mágicas na Europa dos séculos XVII e XVIII analisados por Thomas não anularam a dominação cristã – contudo, permite aos subordinados o acesso a fontes de poder que não dependam dos dominadores, possibilita capacidades e maior autonomia sobre a própria vida que dependam apenas de si. Assim, em face à falta de poder do indivíduo no meio coletivo, a magia possibilita o empoderamento deste mesmo indivíduo em relação a si mesmo.

Necessário, também, salientar os possíveis efeitos negativos de noções essencialistas de gênero em muitos grupos de bruxaria contemporânea, particularmente *wicca*, para o empoderamento da mulher, pois reproduzem um modelo tradicional de características masculinas e femininas que podem entrar em conflito com visões modernas de identidades de gênero, as quais favorecem mais liberdade e equilíbrio. No entanto, sobre isto, Osório afirma que as bruxas contemporâneas têm, na verdade, utilizado a tradição de forma moderna:

Neste ponto, cabe um questionamento sobre o quanto a identidade de bruxa rompe com valores tradicionais e expressa a “modernização” da mulher e o quanto essa identidade, na verdade, ajuda a reconstruir para a mulher moderna papéis tradicionais de gênero. Em ambos os casos, na verdade, está-se diante de expressões de modernidade. De fato, não parece ser o caso de uma volta aos papéis tradicionais, mas de uma valorização de atributos tradicionais das mulheres, estando o feminino compreendido ainda em termos tradicionais, mas não valorado segundo eles [...] É um discurso de retorno à tradição que inova e se direciona para a modernidade. (2004, p.165-166)

De qualquer maneira, a magia como empoderamento nos modelos de poder-de-dentro, poder-para e poder-com tem se mostrado útil para as feministas desde a segunda metade do século XX. À parte da bruxaria de origem europeia, o reconhecimento desse caráter da magia como empoderamento dos oprimidos tem ocorrido também em outros movimentos, como nas tradições afrodescendentes nas Américas “A magia africana precisa ser reclamada na luta contra o racismo [...] a magia pertence às massas, aos oprimidos, e o vodu, aos escravos e a seus filhos” (Erickson, 1996, p.198).

O resgate da magia, e particularmente das tradições mágicas europeias pré-cristãs, tem servido a muitas mulheres como uma maneira de escapar dos sistemas religiosos androcêntricos (Clifton; Harvey, 2004; Erickson, 2005). E nesse movimento de reconstrução a figura da bruxa tem servido como modelo de contestação e poder feminino, pois “O que a figura da bruxa ensina é um certo modo de enxergar a mulher, principalmente quando esta expressa poder” (Zordan, 2005, p.332).

Por fim, é importante ressaltar que semelhante à desconstrução realizada por pesquisadores feministas da literatura sobre mulheres ainda inserida na dicotomia hierarquizante entre masculino e feminino; a literatura sobre magia, especialmente dos clássicos, como Weber, Durkheim, Malinowski, James Frazer, Edward Tylor, entre outros, também precisa ser desconstruída. Apesar de serem fontes importantes nos estudos sociais e antropológicos de magia, suas análises estão inseridas no pensamento dualista e, assim, expressam um preconceito implícito em relação à magia.

## 7. Referências bibliográficas



- Batliwala, S. (1994). The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In. Sen, G.; Germain, A. & Chen, L. (Eds.). Population policies reconsidered: health, empowerment and rights. Boston, MA, EUA: Harvard University Press, 127-138.
- Clifton, C. & Harvey, G. (Eds.). (2004). The Paganism Reader: An introduction. Nova York, NY, EUA: Routledge.
- Durkheim, E. (1996). As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo, SP, Brasil: Martins Fontes.
- Eliade, M. (1992). O Sagrado e o Profano. São Paulo, SP, Brasil: Martins Fontes.
- Erickson, V.L. (1996). Onde o Silêncio Fala: Feminismo, teoria social e religião. São Paulo, SP, Brasil: Paulinas.
- Fausto-Sterling, A. (2001). Dualismos em Duelo. Cadernos Pagu, 17/18, 9-79.
- Gebara, I. (1997). Teologia Ecofeminista. São Paulo, SP, Brasil: Olho D'água.
- Griffin, S. (1978). Women and Nature: the roaring inside her. Nova York, NY, EUA: Harper & Row.
- Gross, R. (1996). Feminism and Religion: an Introduction. Boston, MA, EUA: Beacon Press.
- Hutton, R. (1999). The history of pagan witchcraft. In Ankarloo, B. & Clark, Stuart (Eds.) Witchcraft and Magic in Europe: Volume 6, The Twentieth Century. Londres, Inglaterra: The Athlone, 43-71.
- King, Y. (1997). Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura. In Jaggar, A. & Bordo, S. (Eds.). Gênero, Corpo, Conhecimento. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Rosa dos Tempos, 126-156.
- Malinowski, B. (1974). Magia, ciência e religião. Lisboa, Portugal: 70.
- Mariz, C.L. (2003). A sociologia da religião de Max Weber. In Teixeira, F. (Eds.). Sociologia da religião: enfoques teóricos. Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes, 67-93.
- Mosedale, S. (2005). Policy arena, Assessing women's empowerment: Towards a conceptual framework." Journal of International Development, 17, 243-257.
- Oliveira, R. (2005). Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. Ártemis, 3, 44-69.
- Osório, A. (2004). Bruxas Modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de *wicca*. Campos Revista de Antropologia Social, 5, (2), 157-172.
- Rai, S.M; Parpat, J.L. & Staudt, K. (Eds.). (2002). Rethinking empowerment: Gender and development in global/local world. Londres, Inglaterra: Routledge.

Pierucci, A.F. (1998). Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Rev. bras. Ci. Soc.* 13, (37), 43-73.

Pierucci, A.F. (2001). *A Magia*. São Paulo, SP, Brasil: PubliFolha.

Pietro, C. (2009). *Wicca para todos*. *e-book*. Acessado em 22 de janeiro de 2013 de <http://pt.calameo.com/read/0001432751a1dba130852>.

Plumwood, V. (1993). *Feminism and the mastery of nature*. London, Inglaterra: Routledge.

Ruether, R.R. (1992). Dualism and the Nature of Evil in Feminist Theology. *Studies in Christian Ethics*, 5, (1), 26-39.

Starhawk. (2005). *La danza en espiral*. Barcelona, Espanha: Obelisco.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação & Realidade*, 20, (2), 71-99.

Tomita, L.E. (2002). A Inquisição e a Caça às Bruxas: Uma página tenebrosa da história das mulheres. *Mandrágora*, 8, (7-8), 37-51.

Thomas, K. (1991). *Religião e o declínio da magia: Crenças populares na Inglaterra, séculos XVII e XVIII*. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras.

Warren, K. (2000). *Ecofeminist philosophy*. Maryland, EUA: Rowman & Littlefield.

Weber, M. (2001). *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. (2ª Ed). São Paulo, SP, Brasil: Pioneira.

Weber, M. (2004). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. (4ª Ed). São Paulo, SP, Brasil: IMESP.

Zordan, P.B.G. (2005). Bruxas: Figuras de poder. *Revista Estudos Feministas*, 13, (2), 331-341.